

BOCA

Número 22

03 de novembro de 2004

Instituto de Psicologia - USP

CARTA A JOSÉ ISRAEL (01)

“Diretora Maria Helena” (04)

Prezado Israel,

Os problemas do Bloco B são, de fato, preocupantes. Nesses poucos meses em que me encontro na Diretoria, tenho testemunhado o empenho dos encarregados (os funcionários da Assistência Administrativa, que inclui os Serviços Gerais) em solucioná-los. Mais do que testemunha, tenho sido parceira das medidas tomadas. Entre elas, está em andamento uma reforma profunda e cara dos sanitários do bloco de aulas, pois o encanamento não suporta mais procedimentos para desentupi-los do excesso de papel higiênico e de absorventes jogados nos vasos sanitários.

No final do artigo “Um beija-flor cidadão” (06.10.2004) você pede à “Diretora Patto” que cuide da restauração do Bloco B. Como você bem sabe (este artigo já havia sido publicado em abril de 2003), a resolução dos problemas que surgem não é fácil. Primeiro porque muitas vezes dependem da burocracia de compras e de liberação de verbas, sempre morosa. Em segundo lugar, porque eles se repetem continuamente: peças repostas desaparecem, objetos consertados são quebrados em seguida, paredes pintadas são de novo usadas para colar cartazes de formas que danificam a pintura. Para não falar do uso dos banheiros, revelador, como você bem assinala, de desrespeito pelas faxineiras e pelo bem público.

A própria expressão “bem público” é vaga o suficiente para produzir a impressão de que, se o bem é “público”, ele não é de ninguém. Por isso,

convém sempre lembrar que a USP é mantida com parte do Imposto sobre a Circulação de Mercadorias e Serviços (ICMS) que *todos* pagam. E como a maioria dos brasileiros é de uma pobreza revoltante, quem paga boa parte deste imposto é esta maioria. Quando compram alimentos, por exemplo, pagam os impostos embutidos nos preços. Não fossem estes impostos, o pouco dinheiro que ganham poderia comprar mais comida. Logo se vê que o “dinheiro público” resulta de sacrifícios impostos à maioria. Diante disso, o mínimo que podemos fazer é gastar as verbas que nos são destinadas com responsabilidade e senso de economia e utilizar a estrutura física do IP de modo a preservá-la.

Para que isto aconteça, não bastam os cuidados administrativos da Diretora e dos funcionários que com ela colaboram. É preciso que todos os usuários do Bloco B, na maioria alunos, estejam dispostos a mudar essa cultura de descaso pelo trabalho das pessoas que fazem a limpeza e por todos os cidadãos que financiam a Universidade para que os alunos possam cursá-la.

Em resumo, é isto: a melhoria das condições materiais desse Bloco depende de *todos nós* que fazemos o Instituto de Psicologia. Não há como um Diretor responder sozinho por esta tarefa.

Obrigada por seu interesse e empenho e espero a colaboração efetiva dos alunos na mudança desse estado de coisas.

COMISSÃO ORGANIZADORA DO BOCA

Danilo Silva Guimarães (01), Fernanda Silva Gonçalves (03), Guilherme Gibran Pogibin (98), Jonas Boni (02), José Israel Guedes Rodrigues (01), Patrícia Ferreira Rabaça (03) e Tânia Lisboa Machado (03)

Diagramação: Patrícia (03)

O BOCA publica textos com autoria identificada, recebidos no boca@yahoogrupos.com.br até às 12h do domingo, como anexo da mensagem do seu encaminhamento e no formato MS-Word.doc, observando-se a ordem do recebimento e o limite máximo de 5000 caracteres (inclusive espaços) por texto, quando o número de páginas previsto para a edição impuser a necessidade desse limite. Há mais normas operacionais, tanto para o recebimento de colaboração, quanto para a sua edição, que serão informadas sempre que haja solicitação específica. A responsabilidade pelas opiniões e informações publicadas é inteiramente dos respectivos autores.

A C. O. do BOCA reúne-se toda terça-feira às 12h30min, à sombra do Ipê em frente da Biblioteca do IP. PARTICIPE!!!

1960 – ANOS DOURADOS

Bossi (funcionário do IPUSP no Bloco F)
- enviado por José Israel (01)

De dia eu trampava de almoxarife
Na vila eu era o xerife
A noite eu cabulava no Virgília
E Tula sempre na minha companhia.

Ao sábado, eu e Nenê no palestra
Ver o palmeiras era uma festa
Havia Djalma, Dudu e Ademir da Guia
Cezar e Leivinha, completava a academia

Domingo tinha missa na alvorada
E mama caprichava na macarronada
A TV Record, reunia a moçada
Para ver Roberto e a Jovem Guarda

A USP ainda em contrução
Logo é invadida por samangos e canhão
O berço da democracia vira repressão
A burguesia do Dops, descia pro porão

Hoje no INPS, sentado num banquinho
Ouço Beatles e Jeca Pagodinho
Penso com saudade da minha mocidade
Que foi uma verdadeira felicidade.

Proposta

João Rodrigo I. Matsumoto (03)

Proponho a você um inesquecível jantar
A luz de velas num clima romântico,
com o perfume das rosas no nosso lar
seguindo a melodia de um lindo cântico.

Proponho a você a criação de uma canção
Que narre a nossa inesquecível estória de amor
Sob o ponto de vista de um carismático coração
Encarregado de afastar qualquer estado de torpor.

Proponho a você recitarmos uma alegre poesia
Com suas rimas sensíveis e estrofes metrificadas
Na calada da noite serena e fria,
Onde as gotas de orvalho estão petrificadas.

Proponho a você que possamos
Discutir abertamente a nossa harmoniosa relação

Caso surjam impasses, imprevistos e tenhamos
Bom senso nas discussões chegando a uma definição.

Proponho a você um pedido de casamento,
A constituição de uma grande família,
E toda minha herança, no testamento,
Será destinada a você e a nossas futuras filhas.

Oração de um Uspiano

Pedro (02)
Tiago B. (04)

Sistema júpiter que está fora do ar
Santificada seja a nossa nota
Seja feita a nossa média
Mesmo em estatística ou biologia
O bandeirão nosso de cada dia nos dai
hoje
Perdoai nossas assinaturas falsas
Assim como perdoamos aqueles por
quem assinamos
Não nos deixei entrar em recuperação
Mas livrai-nos da bomba amém.

Lígia - Docente

LÍGIA ASSUMPTÃO AMARAL - (in memoriam) - SEMPRE NA MEMÓRIA

Maria Julia Kovács

Conheci Lígia como sua professora e, ao observar a minha aluna, verifiquei, mais uma vez, que os mestres muito aprendem com seus alunos. Pessoa brilhante, perspicaz, de humor refinado – assim a via, naquele momento, assim posso lembrá-la hoje.

Sua história de docência na USP começou em 1989, ao ser contratada para trabalhar no Departamento de Psicologia da Aprendizagem, do Desenvolvimento e da Personalidade do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, e a nossa nova colega estimulou o desenvolvimento da área de estudos sobre as deficiências enfocando a questão da atitude, do preconceito, do estigma e do estereótipo, no trato com as diferenças. E fez muita diferença, que digam os alunos de graduação e pós-graduação!

Começou colaborando com as disciplinas da Faculdade de Educação da USP, nas áreas de deficiência visual e mental, sendo homenageada por seus alunos; ministrava disciplinas, também, em outros cursos, como Fisioterapia, Terapia Ocupacional, Fonoaudiologia, sendo sempre admirada, homenageada e cortejada por estes futuros profissionais.

No Instituto de Psicologia, a sua disciplina optativa sempre era escolhida pelos graduandos, que tinham o privilégio de entrar em contato com a criatividade de sua mestra. Na primeira aula saíam pelos jardins fotografando o que achavam diferente. Na memória deles este retrato ficou gravado, pois puderam ali constatar quantas diferenças e peculiaridades existem e descobrir quantas possibilidades de reação se esboçam frente às diferenças, especialmente àquelas *diferenças significativas*, como Lígia as nomeava. Entretanto, algumas reações ficam quase obrigatórias e, como dizia a mestra, são *raízes do preconceito*.

Pessoas com deficiência estão entre as que mais sofrem, já que convivem com tantas barreiras arquitetônicas e atitudinais, estas últimas muito mais difíceis de serem quebradas. Lígia, ela também portadora de deficiência física, sofreu com várias delas, em vários momentos de sua vida, como ela brilhantemente relata em sua dissertação de mestrado *“Resgatando o passado: deficiência como figura, vida como fundo”* (1987), em que ao resgatar sua história apresenta uma análise profunda e sensível sobre a condição de deficiência. Deficiência e vida se mesclam na

qualidade de figura e fundo. Nesta obra se observa a ousadia e coragem de Lígia, inovando na maneira de apresentar trabalhos acadêmicos, deixando mais essa marca para a academia.

Os títulos de seus trabalhos apontam para uma discussão séria e profunda sobre a questão da deficiência e da diferença, sem perder o humor. Cito como exemplo *“Política do avistamento e o leito de Procusto”* (1991), em que discorre sobre algumas propostas políticas voltadas para pessoas com deficiências sinalizando, em rica analogia, a costumeira atitude de se enterrar a cabeça na areia, tal como fazem as avestruzes, para não ver o que se apresenta à sua volta e, assim, fazer crer aos menos avisados, que estão operando mudanças muito importantes. O *leito de Procusto*, por sua vez, aborda a questão de como os programas de reabilitação “mutilam” as pessoas para fazer cabê-las no que a sociedade considera como comportamentos adequados. O *“O ovo quadrado e o imaginário infantil”* (1995) aborda como a questão da diferença é apresentada para as crianças, muitas vezes, carregada de preconceito.

E assim Lígia Amaral aponta com criatividade para questões importantes para se pensar a deficiência/ diferença. Os títulos de suas obras captam a essência de suas idéias. Apresento, como exemplo, sua tese de doutorado, da qual participei como membro examinador, *“Espelho convexo: o corpo desviante no imaginário coletivo pela voz da literatura infantil”* (1992). Lembro-me que lhe perguntei porque não poderia ser um espelho côncavo que, também, deforma a imagem. A sua explicação foi simples e direta: - “o espelho convexo deforma e ressalta um aspecto, exagerando determinadas características em detrimento de outras, que é o que acontece com pessoas com deficiências ou com certas doenças”. Por esta e outras de suas idéias, trabalhando com imagens e metáforas, Lígia encantou a muitos e, também, incomodou outros, principalmente os mais acomodados em alguns dos rígidos conceitos sobre a questão da excepcionalidade (termo que abominava) e da educação especial. Entretanto, o encantamento é, e sempre foi, muito mais evidente, como atestam os inúmeros convites para eventos, congressos,

cursos, bancas e escolhas como professora homenageada.

Lígia aceitava ir a eventos em várias cidades e locais, mesmo que isto implicasse em falta de comodidade. O mais importante era poder ajudar instituições no início de suas atividades, desde que estivessem imbuídas de bons princípios.

Generosamente doadora de seu saber, Lígia o oferecia, sem economia de tempo e espaço, aos profissionais de diferentes áreas e aos professores de escola pública (profissionais estes que sempre reverenciou), com muita disposição, estimulação e acolhimento.

Lígia sempre foi uma pessoa muito sensível e com características maternas que acolhia aqueles dos quais gostava, incluindo além de seus familiares, seus alunos de graduação e de pós, orientandos e nós amigos. Dedicção que não conhecia hora, dia ou noite, de segunda a domingo. Às vezes, esquecia de si, não comia direito, abusava das costas e das pernas. Lembro-me das inúmeras vezes que tínhamos que lhe chamar atenção para que se cuidasse. Era um bálsamo para a alma, tranquilidade para nossas mentes inquietas ouvir seus sábios conselhos e orientações. Daí seus apelidos carinhosos: *“dindinha”*; *“tizinha”*, *“mainha”* *“fadinha”*, entre outros.

Um outro apelido pelo qual a chamava era *“canetão sábio”*. Sempre fora uma grande leitora e escritora. Relatou que o seu grande amor aos livros nasceu nos longos períodos de convalescença das inúmeras cirurgias a que teve que se submeter. Além de leitora e escritora foi, para muitos de nós, uma respeitosa revisora. E como nos ajudou com nossos textos! Resguardando os estilos peculiares, procurava retirar de nós nossa arte, com a correção da gramática e o acerto da pontuação, o que justifica este apelido.

Muitas vezes ficava zangada, não agüentava ver injustiças, falsidade ou o que considerava errado, neste caso, não tinha papas na língua. Não tinha medo de expor suas idéias ou de contestar, quem quer que fosse, colocando-se, por vezes, em situação de risco. Lembro-me quando desafiou um motorista que fora mal educado com ela, ou de um chofer de caminhão que teimava em colar na traseira de seu carro. Era pequena no tamanho físico, mas grande na coragem. Não aceitava colocar

colocar "panos quentes". Foi aprendendo a se calar em certas situações, quando percebia não haver possibilidade de mudanças, entretanto, mesmo calada, seus olhos denunciavam os sentimentos que não podiam ser expressos com palavras, mas seu olhar dizia o que podia e, especialmente, o que não devia ser dito. E que olhar! Seus olhos jamais mentiram, sequer falsearam, apenas denunciavam suas convicções e propósitos firmes.

Esta é a Lígia que permanece em nossa memória: inteligente, vivaz, sensível e criativa, sempre inovando e ousando, abrindo caminhos, ajudando pessoas, formando profissionais competentes e críticos.

E a cada dia, ao chegar à USP, e ver seu carro branco na vaga para deficientes, pela qual tanto brigou, realizava-se a expectativa de encontrá-la, abraçá-la, vendo seus cachos balançando, o cigarro

sempre aceso e a alegria de receber seu forte abraço.

Faleceu em 2002 vítima de um trágico acidente, deixando órfãos filhos, amigos, alunos e colegas. A vida ficou mais triste com sua ausência, mas as sementes plantadas e germinadas com suas idéias, textos, aulas e conselhos deixam os familiares, alunos e amigos fertilizados. E isto faz toda a diferença!

AUTORITARISMO, VAIDADE E ÉTICA

(Apresentação do problema)

Ricardo Silva (Pós/PST)

Este texto surgiu de conversas com um aluno do PSE, acerca da caricaturização de nossa prática profissional e de suas implicações éticas. O referido aluno aceitou debater o assunto, publicamente, neste jornal. Agora vamos ao problema.

Todos nós, ao longo de nossa graduação, pudemos apreciar uma estranha mutação que se abate sobre determinados alunos. Começamos a vestirmo-nos com mais cuidado, a fazer sempre cara de conteúdo quando conversamos com os outros ("cara de psicólogo", na verdade) e, em casos mais sérios, até a voz muda, fica mais grave, impostada, teatral. Inclusive um certo ar cansado e entediado (em tese, típico de psicanalista) alguns de nós começam a desenvolver. Pois bem, estou certo que todos conhecemos alguma história assim, mais ou menos bizarra, mais ou menos patética, mais ou menos ridícula.

Outra questão: existe, como sabemos, tanto na população como em alguns de nós, uma certa tendência a confundir nossa prática profissional com aquelas provenientes da área médica, sobretudo da medicina. Entretanto, a confusão que nós operamos não é meramente semântica. Consideremos o

qualificativo "doutor". Na acepção restrita do termo supõe alguém que tenha concluído o doutorado. Na acepção popular indica aquele **que se graduou em medicina**. (Desconsiderarei aqui qualquer acepção mais bizarra ou muito anacrônica do termo: advogados, engenheiros, policiais delegados, milionários etc.). Pois bem, o nosso interlocutor do PSE, além de vestir-se freqüentemente de branco (felizmente ele é o único dentre nós), autodenomina-se, sem grandes problemas, "doutor", segundo ele, por motivos **"terapêuticos"**, nunca por **vaidade**. Motivos teórico-técnicos que ele pretende compartilhar conosco, defendendo a **importância da sedução** na prática clínica. Até onde sei, sua **justificativa um tanto bizarra afirma que o "branco" e a utilização do termo auto-referente "doutor" (empréstimo de signos de poder-saber) cumprem uma função (pasmem!) curativa no processo terapêutico (e até a "eficácia simbólica" de Lévi-Strauss foi invocada)**. Tratar-se-ia de não frustrar o imaginário dos pacientes a respeito de nossa prática (que, segundo meu colega, sempre esperam que nos trajemos como

médicos), no intuito de se conseguir, obviamente que mediante sedução (os behavioristas chamariam de "reforçamento"), uma transferência positiva. Notemos que a confusão é afetiva e não lingüística. A desculpa de que, na verdade, aquilo que se está operando ao incorporar o estereótipo médico é estimular a cura, é falsa: o que se está fazendo de fato é deixar-se obliterar pela VAIDADE, é fomentar o AUTORITARISMO, atuar os próprios desejos, é violentar os pacientes projetando neles fantasias que são nossas enquanto reproduzimos os clichês culturais e a dominação pelo saber médico. Em uma palavra: é perpetuar a alienação. Por isso a atitude modeladora, a preocupação com a aparência, a sedução pelos signos de poder-saber. E qualquer justificativa que parta daí, não passa de racionalização, miopia ética e estrabismo intelectual.

Mas o pior ainda estava por vir: seguiu-se então o maquiavélico argumento de que os pacientes não reclamavam de tal procedimento, e que, portanto, não haveria nada de antiético nele. Mas as implicações éticas são evidentes e a argumentação de que

Bom uso da impressão na pró-aluno

Kelly (02), Bruna L.(02), Vanessa (02), Paulo (02), Ivan (02), Leandro (02), Sergio (02), Guarujá (01)

Recentemente foi colocado na lousa do CA um recado conscientizando o pessoal acerca do uso do telefone do CA. Devido ao mau uso estamos correndo risco de perder parte dos direitos que tínhamos adquirido.

Quero agora transpor essa situação para a impressão na pró-aluno. Existem unidades em que há um limite bastante restrito de cópias por aluno, o que é um problema sério aos finais de semestre. Aqui na psico ainda não foi dada uma cota nem semanal, nem mensal. Não vamos esperar que isso seja necessário, espero. Quero colocar aqui uma proposta de bom uso da pró-aluno. Sempre que você for imprimir alguma coisa, pense como será se todos os alunos tiverem o mesmo direito que você... Outra reflexão importante é pensar nas próprias possibilidades de imprimir em outro lugar (pensar sua situação econômica em relação aos demais no Instituto), verifique também se é realmente necessária a impressão (pensando no desperdício de papel, na falta que pode fazer a outra pessoa se a impressão vier a faltar devido a um excesso seu...)

Acredito que não é á toa que esses usos indevidos acontecem. Creio que esse aproveitar ao máximo as possibilidades é um sintoma de nossa falta de direitos, de acesso a equipamentos, bens da universidade ou do espaço público em geral. Estamos tão sedentos desses direitos que quando existem queremos "sugá-lo" o máximo possível. Quando temos acesso, queremos usar o máximo possível, mas às vezes não percebemos que estamos decretando futuramente a perda dos poucos direitos a que temos acesso. Sei lá, fica aqui uma reflexão...

"os pacientes não reclamam" é, para dizer o mínimo, **cínica**. Que os pacientes não reclamem é um fato (ninguém reclama ao ser **seduzido**, ainda mais quando se está **fragilizado**). Podemos objetar ainda que consentimento **presumido** não é consentimento **assentido**. E por mais que todos os pacientes concordassem conscientemente com a sedução, ela **não seria** por isso **mais ética** ou **menos autoritária**. Ademais, o **fato** e a **norma** não coincidem necessariamente, e do **primeiro não se deduz logicamente a segunda**. E ainda sobre a sedução, o argumento de que ela é **eficaz na procriação** (por mais que muitos relacionamentos terminem ao descobrirmos que compramos "gato por lebre") **não implica** que ela seja salutar na clínica: **o objetivo não é procriar com nossos pacientes**.

Ora, por mais absurdas que pareçam tais justificativas, elas exalam a fragrância característica daquelas **psicologias americanas modeladoras** e de **fortalecimento do ego**, misturadas com um tanto de **psicologia comportamental** e que visam a uma certa **mudança de atitude** mediante uma **reengenharia psíquica**. Daí a acusação de que os analistas vivem a "procrastinar" (adiar) o problema dos pacientes, porque aquilo que se quer é uma **solução imediata** por mais que **superficial** (o que explica em parte a sedução pela medicina). Como se vê, trata-se de uma **mcdonaldização** da terapia e da cura sob a alcunha de "**psicoterapia breve**" (e o meu colega ainda crê estar sendo original...).

E se, ao fim e ao cabo, todas essas análises não puderem ser aplicadas ao caso em questão, resta o aviso de que nosso curso é de psicologia e não de medicina, e se alguém estiver operando esta mesma confusão, deixo o conselho: sempre há tempo para se mudar de curso. Eu mesmo o fiz diversas vezes.

E-mail: ricardo.psicologia@bol.com.br

Sarau SEMEXA (para refletir)

Kelly (02), Bruna L.(02), Vanessa (02), Paulo (02), Ivan (02), Samanta (02), Leandro (02), Baioni (02), Guarujá (01)

Pessoas, não sei se todos souberam, mas houve um Sarau na psico no dia 23 de setembro, uma programação que estava dentro da III Semana de Extensão Universitária da USP (III SEMEXA).

Bom, o sarau foi legal, contou com algumas pessoas de outras unidades, principalmente a galera que estava organizando a SEMEXA. Mas o objetivo aqui não é falar sobre o Sarau, mas de algo específico que pode ser pensado através dele.

O que queremos colocar é uma preocupação que surgiu diante da constatação dos hábitos de fumo deliberado (não importa o tipo) dentro do Centro Acadêmico, local onde é feito o Sarau. O objetivo aqui não é de fazer uma discussão moralista, ou de legalidade/illegalidade de tal ato, mas de uma reflexão acerca do respeito ao outro. Pensamos que os hábitos de se fumar nestas festas tal como se fez neste Sarau específico acaba sendo, ainda que não propositalmente, um mecanismo de exclusão. Exclusão de quem? De um público que curte sarau, mas não o fumo e por motivos de saúde ou de incômodo não suportam o cheiro forte que fica em um lugar fechado.

Dentro de uma política de tentativa de inclusão, foram convidados pessoalmente vários funcionários do instituto. Ninguém apareceu e alguns comentários de descontentamento a respeito do fumo e da bebida excessivos foram tecidos por um dos funcionários. Foi conversado também com diversos alunos da graduação e vários relataram não participar de festas da psico bem como do próprio CA por causa do mal-estar causado pelo fumo. Sei de um casal de alunos que veio para o Sarau SEMEXA, mas ficou apenas 10 minutos, pois o cheiro estava realmente muito forte.

Trazemos, então, uma proposta de que nos próximos sarais haja um espaço fora para quem queira fumar e ver se, gradualmente, outras pessoas da psico também passam a participar desses eventos.

NOTAS DIVERSAS

José Israel (01)

PALESTRA NO LABORATÓRIO PSICANÁLISE E SOCIEDADE

A Prof.^a Miriam Debieux Rosa, do Departamento de Psicologia Clínica (PSC) coordenará a palestra **Psicopatologia da adolescência e clínica do laço social** a ser proferida pela Prof.^a Dr.^a Maria Cristina Poli – Professora da Faculdade de Psicologia e Programa de Pós-graduação da PUC-RS –, Psicanalista, Doutora em Psicologia pela Université de Paris 13 e autora do livro *O espírito como herança: as origens do sujeito contemporâneo na obra de Hegel* (EdiPucrs,1998) e de vários artigos. Data: 08 de novembro de 2004, das 13 às 15 horas: Local: IPUSP, Bloco F, Sala 13. A entrada é franca.

MESA REDONDA e LANÇAMENTO DE LIVRO

No próximo dia 9 de novembro, haverá, na “Sala Lígia Assumpção Amaral”, da Biblioteca do IPUSP, a Mesa Redonda: **Deficiência e Preconceito**, com os professores doutores José Leon Crochik, Marie Claire Sekkel e Maria Júlia Kovács, todos do PSA, às 17h, e o lançamento do livro “**Resgatando o Passado: Deficiência como figura e vida como fundo**” de Ligia Assumpção Amaral (in memoriam), Editora Casa do Psicólogo, às 19h.

Mini-Curso: “Introdução à Esquizoanálise”

Domenico Hur (pós-PST)

A Esquizoanálise é uma área de conhecimento que surgiu nos anos 70, herdeira das lutas libertárias do Maio de 68 em Paris e fruto do Encontro do filósofo Gilles Deleuze e do psicanalista Félix Guattari. A sua obra principal é “Capitalismo e Esquizofrenia”, a qual é dividida em dois tomos: “O Anti-Édipo” e “Mil Platôs”.

Porém, infelizmente não é transmitida nas Universidades; dos 150 cursos de Psicologia do Estado, sua transmissão restringe-se apenas à PUC-SP e à UNESP-Assis. Na USP-SP foi pouquíssimo discutida. Pelo que me lembro nos últimos dez anos no IPUSP houve apenas uma aula sobre Esquizoanálise na disciplina “Dinâmica de Grupo” (2003), aula ministrada por mim pelo PAE – Programa de Aperfeiçoamento de Ensino – da pós-graduação.

Dessa forma, o LAPSO – Laboratório de Estudos em Psicanálise e Psicologia Social – conjuntamente ao Centro Acadêmico Iara Iavelberg, propôs esse mini curso/grupo de estudos coordenado para introduzir o pensamento de Deleuze e Guattari no IPUSP, extra-curricularmente, onde assumo a posição de professor.

Assim, propusemos uma programação com cinco encontros, às quartas-feiras, das 18 às 20h e com início no dia 17/11. Para que a discussão se torne mais rica, limitamos a participação para 20 vagas.

Como participar?

Primeiro tem que ser da Comunidade IPUSP e tem que estar disposto a ler os textos. O curso é gratuito, mas para os participantes pedimos a doação de um livro da área para o acervo do LAPSO.